

MÃE TRINIDAD DE LA SANTA MADRE IGLESIA
SÁNCHEZ MORENO
Fundadora de A Obra da Igreja

*Deus se é
a infinita Virgindade
em si, por si e para si, sida e possuída
pela adesão à sua coeterna
e consubstancial perfeição
em seu ato intercomunicativo
de vida trinitária*

*Fecundidade da virgindade
Povo consagrado, vive a tua vocação
No sacrário Jesus te espera sempre*



Editorial Eco de la Iglesia

12-8-1973

DEUS É A INFINITA VIRGINDADE

Imprimatur: Joaquín Iniesta Calvo-Zataráin
Vigário Geral
Madrid, 18-3-2005

2ª EDIÇÃO

Separata de livros inéditos da Mãe Trindade de la Santa Madre Iglesia Sánchez Moreno e dos livros publicados:

«LA IGLESIA Y SU MISTERIO»
«VIVENCIAS DEL ALMA»
«FRUTOS DE ORACIÓN»

© 2005 EDITORIAL ECO DE LA IGLESIA
1ª Edição espanhola: Fevereiro 2001

A OBRA DA IGREJA

ROMA - 00149 MADRID - 28006
Via Vigna due Torri, 90 C/ Velázquez, 88
Tel. 06.551.46.44 Tel. 91.435.41.45

E-mail: informa@laobradelaiglesia.org
www.laobradelaiglesia.org

www.clerus.org *Santa Sé: Congregação para o Clero*
(Librería - Espiritualidad)

ISBN: 978-84-86724-73-3
Depósito legal: M. 48.264-2007

Deus, por perfeição da sua mesma natureza, *se é* o Ser infinita e eternamente separado de tudo o que não é a sua Divindade, em adesão perfeita e acabada a si mesmo, em si mesmo, por si mesmo e para si mesmo; já que entre a criatura e o Criador existe distância infinita de ser;

Adesão em Santidade coeterna de transcendente Virgindade infinita que, em Deus, é romper numa fecundidade tão superabundante de ser e tão plena de vida, que o faz ser Pai de exuberante fecundidade pela adesão amorosa que a si mesmo se tem no seu ato de vida.

Deus é a eterna Virgindade, separada infinitamente de tudo o que não é Ele; já que, o que o faz romper em fecundidade gerando, não é a união d'Ele com nenhuma coisa fora de si, mas a adesão que em si e a si mesmo se tem no afastamento amoroso consubstancial, recôndito e velado do seu *ser-se* o Incriado.

Ó esplendores refulgentes que fluem em borbotões do peito de Deus em cataratas infinitas de Conversação eterna...!

Ó «Luz de Luz» e «Figura da substância»¹ do Pai, Emanação perfeita da sua mesma natureza, Hálito candente da sua boca!, descortina esse véu de Virgindade intocável que oculta, atrás do seu esplendor, a rompente infinita do gerar do Pai, e soletra-me, ó Verbo eterno, na tua Conversação canora, o Manancial fluente desse gerar divino nos luminosos resplendores da sua transcendente Santidade rompendo em Virgindade fecunda.

Ó *Sancta Sanctorum* da eterna Sabedoria, que escondes a Virgindade infinita, infinitamente distante e distinta de tudo o que é criado, na ocultação ditosíssima do seu *ser-se* Fecundidade, irrompendo num gerar luminosíssimo de explicativa e recôndita Palavra de retorno...!

Deus é a eterna e exuberante Perfeição, e, portanto, o único capaz de satisfazer as exigências infinitas de perfeição em posse que Ele é e tem em si; sendo a sua adesão a si mesmo um ato de vida pleno de infinita perfeição e à sua infinita perfeição.

Na medida em que Deus está aderido a si, no seu ato de virgindade eterna, nessa mesma medida é fecundo, e por isso, infinitamente fecundo; tanto, que o fruto da sua fecundidade

¹ Hb 1, 3.

é tudo quanto Ele é, em Expressão, num Filho que diz, em Cântico de amor eterno e de retorno para o Pai, toda a plenitude inexausta da subsistente Sabedoria.

E assim como, pela adesão infinita que o Pai se tem a si mesmo, por perfeição da sua mesma natureza, «entre esplendores de santidade»² rompe gerando o Verbo; nesse mesmo instante sem tempo em que é gerado o Verbo, Este é, pelo ser recebido do Pai, um ato de adesão infinita ao mesmo Pai.

Sendo a união em adesão de doações e retornos amorosos que as duas divinas Pessoas se têm entre si tão mútua, tão apertada, tão perfeita e de tão plena virgindade, tanto, tanto...!, que, num abraço de virgindade paterno-filial, rompem num Amor tão perfeito e consubstancial, tão eterno e infinito, tão mútuo e intercomunicativo, tão para si, tão para si...!, na adesão mútua da sua intercomunicação paterno-filial, que este Amor é a Pessoa infinita do Espírito Santo; o qual, na adesão perfeita da sua realidade pessoal, é o descanso amoroso e terminado que o Pai e o Filho se têm, ao amar-se, em adesão de abraço paterno-filial de infinito amor.

Sendo o Pai tudo em si e para si, e para o Verbo; e o Verbo, tudo em si, recebido do Pai,

² Sl 109, 3.

para si e para o Pai. E os dois –o Pai por si mesmo e o Verbo pelo ser recebido do Pai–, no abraço consubstancial da sua doação e retorno, são para o Espírito Santo; e o Espírito Santo é, pelo Pai e pelo Filho, para si mesmo, e para o Pai e para o Filho, adesão de amor eterno em retornos amorosos.

Pelo que as três divinas Pessoas são cada uma tão para si como para as outras, estando umas nas outras. E na intercomunicação das três Pessoas, Deus vive, no afastamento do seu ser infinitamente distinto e distante de tudo o que não é Ele, num ato trinitário e comunicativo de virgindade eterna.

Porque tudo quanto Deus *se é*, vive e tem, o é, essencial e substancialmente, só em si, por si e para si, em adesão perfeita, abrangida e terminada, em separação infinita de tudo o que é criado, em seu ato trinitário de plena e consubstancial Virgindade.

Deus só a si mesmo está aderido na separação infinitamente distante de tudo o que não é Ele; pelo que a vida de Deus, na perfeição da sua intercomunicação, é um só ato de Virgindade eterna em perfeição terminada.

A virgindade perfeita é a adesão ao sumo Bem, e a separação completa e absoluta de tudo o que não é Ele. Por isso quando a criatura descobre a luz luminosa da eterna Sabe-

doria, subjugada por ela, deixa tudo o que é criação para lançar-se irresistivelmente na busca incansável de *só Deus!*

Deus, ao *ser-se* em si a infinita Perfeição, por perfeição em santidade da sua própria natureza, só a si mesmo está aderido, em tal fartura e plenitude, que Ele mesmo em si, por si e para si, *tendo-se* tudo sido e *estando-se* tudo sendo pela excelsitude plena e exuberante da sua perfeição, é a Rompente infinita da sua eterna fecundidade.

Ó Virgindade, Virgindade desconhecida!, porque desconhecido é o sumo Bem em quanto é, e desconhecido, portanto, quanto somos capazes de sermos nós na participação da sua plenitude...

Ó Virgindade, Virgindade, transcendente e infinita!, equivalente à adesão de Deus a si mesmo... Virgindade equivalente a *só Deus!*, capaz de fazer de Cristo, na sua humanidade, uma adesão tão perfeita ao Verbo do Pai, que lhe faz não ter mais pessoa que a divina.

Cristo, na sua humanidade, é um grito de virgindade tão perfeito, tão de: *só Deus!*, tanto, tanto, tanto...!, que não tem mais pessoa que a divina; sendo todos os movimentos da sua humanidade uma adesão total à sua Pessoa, um

grito de *só Deus!*, que se manifesta através de toda a sua vida, atos, gestos e palavras.

Como poderá a humanidade santíssima de Cristo, criada para ser uma adesão total ao Verbo do Pai em união hipostática de desposório eterno e indissolúvel, apetecer, querer, dizer ou buscar algo que não fosse só a inexausta, plena e infinita Perfeição...?!

Ó coração enlouquecido do homem!, mente ofuscada e obscurecida pela sua própria paixão...!, como poderá, com o seu pobre e limitado pensamento sem conhecer o pensamento divino e aderir-se a ele, saber de Virgindade transcendente e sentir-se subjugado para tender para essa mesma Virgindade e para vivê-la, manifestá-la e comunicá-la, segundo a perfeição da criatura, no seu máximo grau?

Ó virgindade, virgindade...!, margarida preciosa e jóia escondida, só descoberta pelos olhos penetrantes que, levantando seu vôo, cheio de sabedoria, para Aquele que É e, buscando a perfeição, adentra-se de alguma maneira na «Horta cercada, Jardim florido e selado onde apascenta-se entre açucenas o Verbo infinito»³, Esposo das virgens, que, em requebros de amor, convida-nos a vivê-lo e a segui-lo através do desterro...: «Vem do Líbano, esposa, vem do Líbano, vem»⁴.

³ Cf. Ct 4, 12; 2, 16.

⁴ Ct 4, 8.

Como poderia Jesus, sendo, na sua pessoa, Deus, apetecer algo que não fosse Ele mesmo e a sua máxima glorificação?! Como poderia Cristo, que é a infinita e eterna Perfeição por sua pessoa divina, buscar algo que não fosse viver na posse e desfrute d'Ele mesmo, comunicando-nos quanto Ele vivia e tinha em plenitude?! «Cristo não procurou a própria satisfação». —«Eu vivo para o Pai»⁵.

Cristo é a união perfeita da humanidade e da Divindade na e pela sua pessoa divina, num mistério transcendente de tal sublimidade, que, nessa mesma união hipostática e na adesão da sua humanidade à sua Divindade, faz d'Ele Deus e Homem na pessoa do Verbo Encarnado.

Cristo em toda a sua humanidade é a expressão da Virgindade do Pai em soletração aos homens; é relação de Deus aos homens e dos homens a Deus; sendo, pela sua pessoa, Deus, separado infinitamente de tudo o que é criado, e expressão humana aos homens em doação de amores eternos por meio da Encarnação.

Ó Virgindade, Virgindade, tão transcendente e desconhecida, tão santa e santificante, tão apetecida pelas almas amantes...!, dá-me saber-te viver para poder-te expressar na minha apetência e saudade de Ti; já que na medida em

⁵ Rm 15, 3a; Jo 6, 57b.

que te descubra, atraída por tua inexaurível plenitude, lançando-me para Ti, possuir-te-ei, sendo capaz de ir vivendo de *só Deus*, nas diversas tendências do meu coração.

Ó Virgindade, Virgindade...!, dá-me saber-te descobrir para saber-te apreciar, para saber-me aderir a Ti sem desejar mais coisas que: *só Deus!*

Como poderá a alma que vislumbrou a infinita e eterna Perfeição, buscar algo que não seja a sua posse para si e para os demais?

O homem que rastreia, busca a plenitude do seu ser nas coisas terrenas que não o podem saciar; quem descobre Deus com olhos candentes de penetrante sabedoria amorosa, remonta-se e renuncia, por exigência da posse do mesmo Deus, a tudo quanto não seja Ele.

Na medida em que nos unimos ao sumo Bem, virginalizamo-nos, porque vamo-nos aderindo e fazendo-nos semelhantes a Ele, e separando-nos das criaturas.

Por isso, quando no seu plano infinito, Deus determinou pegar o homem da sua prostração e atraí-lo para a profundidade do seu peito bendito, realizou na terra um milagre de virgindade tão perfeito, tanto, tanto, tanto!, que foi capaz de fazer, do Homem, Deus, na adesão perfeita da humanidade à Divindade na pessoa do Verbo.

Ó *Sancta Sanctorum* da Encarnação!, pela qual se realiza, nas entranhas de Maria, o mistério insuspeitado da união de Deus com o Homem para a restauração redentora da humanidade caída... Ó virgindade da Senhora toda Branca da Encarnação...!

Maria era uma adesão tão perfeita à infinita Virgindade, tanto, tanto!, que o fruto da sua virgindade fecunda foi romper em Maternidade divina só por obra do Espírito Santo; Esposo que, no toque da sua infinita perfeição, fecundou-a tão maravilhosamente, que, por Ela e nas suas entranhas virginalis, o Verbo do Pai se fez Homem.

Ó virgindade, virgindade de Maria!, tão plena, que, pelo beijo infinito do Espírito Santo em passo de fogo sobre a Senhora, rompe em maternidade e Maternidade divina; em tal plenitude, que não só é capaz de ser Mãe do Verbo Encarnado, mas que, da superabundância dessa mesma Maternidade e na plenitude da sua virgindade, é Mãe universal de todos os homens.

Que grau de virgindade, de tendência ao Infinito e de posse de *só Deus*, seria o de Maria, Imaculada desde o primeiro instante da sua concepção, pelos méritos previstos de seu mesmo Filho, que a fez capaz, segundo o plano divino sobre Ela, de ser Mãe do mesmo Deus no direito pleno da sua Maternidade...!

Ó virgindade, virgindade!, que fazes possível que Deus chame uma criatura: Mãe, e que a criatura, com direito pleno e perfeito, chame a Deus: Filho.

Só a virgindade perfeita é capaz de realizar tais prodígios, porque é um grito em adesão total do ser ao sumo Bem no desfrute apertado da sua perfeição.

Em Maria, a sua tendência virginal para Deus é a conseqüência do conhecimento luminosíssimo que d'Ele tem; sendo este conhecimento tão sapiencial e sagradamente penetrado de sabedoria amorosa, tão vital n'Ela e tão pleno, que a faz ser em todos e em cada um dos momentos da sua vida, nas suas capacidades e exigências, um grito transbordante de: *só Deus!*

Por isso, quem queira conhecer a transcendência transcendente da Virgindade infinita introduzindo-se no *Sancta Sanctorum* da Trindade, tem que adentrar-se nas entranhas puríssimas e maternais de Maria, desde onde Deus se dá e se comunica aos homens no *Sancta Sanctorum* da transcendente virgindade da Senhora, por meio do mistério da Encarnação.

Na medida em que Deus quis fazer fecunda Maria, fê-la Virgem, aderiu-a a Ele para que visse só do seu infinito ser, em adesão tão íntima que fosse capaz de romper numa Mater-

nidade tão plena, que o Verbo infinito do Pai, Encarnado, fosse o fruto da sua fecunda e plena virgindade.

A virgindade, ou castidade consagrada, quando é perfeita, busca a plenitude da sua perfeição na glorificação de Deus e entrega absoluta a Ele. E, na medida em que o homem vive de *só Deus*, aderindo-se, em quanto é e possui, ao sumo Bem e ao seu plano, está, segundo a sua capacidade, na posse e plenitude da Suma Perfeição, de tal forma que se faz conforme a ela, rompendo em frutos de vida eterna para si e para os demais.

Pelo que, no céu, seremos todos como os anjos de Deus, já que, segundo estejamos unidos a Ele, único fim para o qual fomos criados, seremos felizes com o fruto gozoso que a plenitude da sua glorificação produzirá em nós.

Quem procura conservar-se virgem em memória, entendimento, vontade, apetências, tendências, etc., vive aderido a *só Deus* e para *só Deus*, e então a sua vida está cheia do sumo Bem, possuída só por Ele e impregnada do seu infinito pensamento.

Podem os homens, inclusive depois de terem roto a sua virgindade física, entregarem-se a Deus tão incondicionalmente em corpo e alma,

que vivam em virgindade transcendente com frutos de santificação para eles e para os demais.

Nem todos são capazes de compreender este mistério, segundo o divino Mestre manifestava aos seus Apóstolos e muito menos de vivê-lo, pela ofuscação dos seus corações. Mas, bem-aventurado quem descobre esta «margarida preciosa», esse «tesouro escondido» do Evangelho: «Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus»⁶. Bem-aventurado quem é capaz de aderir-se a Deus em corpo e alma tão perfeitamente, que tudo o que não seja Ele e a sua glória, o vê como vacuidade e caduco. Bem-aventurados os olhos transparentes que, ao descobrir Deus, fazem capaz o coração de romper a escravidão das suas próprias paixões, dominando-as e ensenhoreando-se delas para viver, na terra, como os anjos, um tran-sunto de eternidade, na plenitude e posse de *só Deus* mediante a vida de fé, cheia de esperança e envolta no amor.

Que grande é a alma virgem que saboreia o céu no desterro, e que faz da terra o céu com o testemunho da sua vida e da sua palavra diante dos demais...! A alma virgem é um cântico em expressão de eternidade e uma manifestação patente diante do mundo de: *só Deus!*

⁶ Cf. Mt 13, 46. 44; 5, 8.

Nem todos os homens compreendem este mistério pela dureza e torpeza do seu coração, pela escravidão com que lhes têm entorpecidos as suas próprias paixões. E por isso, guiados por essa mesma escravidão, ao não serem capazes de sobrenaturalizarem-se, chegam, na sua insensatez, a não entenderem o mistério da infinita Virgindade rompendo em fecundidade, nem o de Cristo, Virgindade Encarnada, nem o de Maria, virgindade maternal. Pela torpeza e rudeza das suas mentes querem tirar da virgindade a fecundidade perfeita, sem compreender que a fecundidade íntegra, perfeita e sobrenatural é o fruto da virgindade.

Virgindade que tem seu princípio em Deus, na adesão d'Ele a si mesmo; virgindade que se nos manifesta em Cristo, numa expressão de Deus conosco; e virgindade que se nos acerca com coração de Mãe em Maria, pela adesão de toda Ela a Deus, que a faz romper, por obra do amor infinito do Espírito Santo, em Maternidade divina, em portadora de divinização para os homens, pelo Fruto excelente, inédito e transcendente da sua maravilhosa virgindade.

O mais virgem, mais fecundo. Por isso, quem mais Virgem do que Deus, aderido só infinitamente a si mesmo, o qual o faz romper gerando o Verbo?

Quem mais virgem do que Cristo, que em sua humanidade está unido com a Divindade

tão maravilhosamente que não tem mais pessoa que a divina por meio do surpreendente, subjugante, divino e divinizante mistério da Encarnação; e na união hipostática da natureza divina e a natureza humana na pessoa do Verbo, é Deus e é Homem?

Quem tão virgem como Maria, que é capaz, mediante a adesão que tem a Deus, e por obra e graça do Espírito Santo, de dar à luz o Verbo infinito Encarnado?

Ó virgindade desconhecida e, portanto, menosprezada...!

Ilumine Deus a inteligência dos desterrados, para que multidões de homens descubram este «tesouro escondido» do Evangelho, entreguem-se a viver de *só Deus* e para *só Deus*, em frutos de vida eterna que fazem, como em Maria, frutificar a alma virgem e dar à luz, através dela, Cristo nas almas. «Meus filhos, por quem sofro de novo as dores do parto, até que Cristo seja formado em vós»⁷.

Surjam as multidões que «seguem o Cordeiro»⁸, porque «como perfume derramado é o teu nome, e por isso as donzelas enamoram-se de ti, e são melhores que o vinho teus amores»⁹; para que o mundo vislumbre a face do Verbo e, atra-

⁷ Gl 4, 19.

⁸ Ap 14, 4.

⁹ Ct 1, 3. 2.

ído pelo odor dos seus perfumes, corra a embriagar-se do festim infinito que Deus oferece gratuitamente aos que de coração entregam-se a Ele.

O homem que descobre Deus, lança-se irresistivelmente ao encontro de todos os seus irmãos para introduzi-los no gozo eterno das infinitas perfeições. Pelo que o sacerdócio, a vida missionária e a consagração a Deus, surgem do descobrimento deslumbrante da infinita Virgindade que, subjugando-nos, impulsanos a ser, com Cristo e Maria, adesão de retorno ao sumo Bem.

Só Deus pode encher as nossas vidas, só n'Ele seremos capazes de realizar-nos na plenitude e na máxima perfeição do ser e dos afa-zeres para os quais fomos criados. E por isso, quem o descobre, busca-o apaixonadamente, renunciando a tudo o que é criado pela posse total da sua plenitude.

Mas, quando os homens perdem de vista o rosto de Deus, seus olhos obscurecem-se, querendo sufocar a grandeza da virgindade pela ofuscação das suas próprias paixões que os escravizam separando-os do seu único e verdadeiro fim. Como poderá o homem carnal compreender o homem espiritual...!

Ó virgindade, virgindade desconhecida!, és tão sublime, que o fruto das tuas conquistas é *só Deus* para ti e para quantos te rodeiam.

Ó virgindade, virgindade, que tens teu princípio em Deus, e a expressão do teu fruto é o mistério da Encarnação pela virgindade maternal de Maria!

Ó virgindade, virgindade, tão grande como desconhecida...!

21-6-1974

AMADOR DE AMORES

Estranha e silente caminho na vida,
sem porto que ancore a minha navegação;
espero incansável o meu dia de Glória,
para saturar-me da luz do Sol.

Profundas são as minhas penas,
repletos os meus gozos,
serena e tranqüila, cheia de ilusão.
Deus conhece o centro das minhas petições
e as agonias da minha contenção.

Anelo, em clamores, plenitudes imensas;
suspiro, em espera, o retorno
d'Aquele que, em colóquios
de profundos segredos,
chama-me em requebros de terna canção.

Lentos e pausados são os passos quedos
de minha rota em dom.
Busco, sem cansar-me, os olhos serenos
d'Aquele que, antanho, descobriu-se a mim.

Sei que Deus é doce qual eu o apercebo,
terno e compassivo, ressumando amor,
cheio de ternura para a alma amante
que sabe entregar-se à sua petição.

Também é temível quando, nos vulcões
do seu seio aberto, brota em erupção,
surge em labaredas que meu peito acendem
cheio de esplendor.

Brasas são os zelos do seu peito ferido,
quando, enaltecido, reclama impelido
todas as pregas do meu coração;
nada cede a ninguém de quanto, morrendo
por mim, conquistou!

Tudo reclama porque é Dom de dons,
Lutador insigne, grande Batalhador;
por isso, a quem consegue acender
em suas brasas,
é troféu seu que jamais cedeu.

Amador de amores, vem por tua conquista!
Minha alma é teu dom!

15-9-1974

ELE *SE É* HERÓI DE AMORES

Tenho em meu peito uma profundidade
de tão sublime mistério,
que em saudades de Infinito
meu espírito está morrendo.

Eu o anelo nas vivências
dos meus claustrais encontros,
e suspiro pelas vozes
infinitas do Eterno.

Ele se me mostra zeloso
pela força do seu império,
e me convida a introduzir-me
na profundidade do seu seio.

Eu sinto o toque de Deus
como clamores em fogo,
como setas candentes
que me traspassam o peito.

Nada há tão profundo e seguro
como o toque do Imenso
em passo de poderio
com o triunfo do seu vôo.

Ele *se é* Herói de amores,
tal como eu o desejo,
conquistador de ilusões
e vencedor de troféus.

Por isso, minha vida é sua,
conquista dos seus torneios.

*Do livro «Frutos de oración»
«Frutos de oração»*

2.062. Ó meu Deus infinitamente espiritual!,
deixa-me beber até saciar-me, em saturação, da
Virgindade eterna que Tu, minha Trindade santa,
te és em tua vida íntima de comunicação trinitária
por teu ser subsistente de perfeição suma. (28-4-61)

2.068. Só Deus!, sem mais, é o grito palpitante
do meu coração enamorado. (15-10-74)

2.071. Sou feliz porque, ao não ter no coração
mais que Deus e a sua vontade, superabundo de gozo
no meio das minhas incalculáveis tribulações,
as quais me fazem semelhante a Cristo e, com Ele,
estou abrigada no regaço do Pai pelo amor do Espírito Santo. (5-11-75)

2.077. Alma sacerdotal, tudo o que não é Deus
não é; vive de tal forma, que só Ele e a sua glória
busques, num olvido e desprendimento de ti completos.
Está pronta, porque o Senhor virá a levar-te para onde
Ele esta para sempre, para sempre!; e virá logo..., e
isso será amanhã..., já! (6-1-64)

2.086. Quem são os que vão mais seguros pelo
caminho do Reino dos Céus? Os que não bus-

cam mais que Deus e, ao chegar ao seu termo, tudo quanto tinham deixaram para encontrar-se com Ele. Por isso, o que nada tem anda mais ágil e, no seu termo, nada tem que deixar, só possuir. (14-9-74)

2.092. Se tenho Deus, tenho tudo no tudo da sua posse, na fartura da sua vida, na plenitude da sua felicidade, na riqueza de quanto é. E, quando perco Ele, encontro-me com minhas apetências ressecas, no vazio de quanto contém as criaturas para mim. (14-9-74)

2.094. Fora de Deus, não tenho nenhum desejo; e isto não é pelo vazio do meu ser, que em Deus encontra tudo, mas pela fartura da vontade divina que me repleta e me faz ter tudo nela, não necessitando de nada, pela plenitude das minhas apetências que só buscam o saboreamento da vontade de Deus cumprida. (4-7-69)

2.095. Quando não quis nada de aqui abaixo e busquei a riqueza infinita do alto, encontrei-me com tudo no tudo de Deus; e, em sua posse, saciei as minhas apetências torturantes de felicidade, de riqueza, de amor e de plenitude que o infinito Ser plasmara em mim, somente para possuí-lo. (14-9-74)

28-5-1975

QUE DOÇURA HÁ NA MINHA ALMA!

Que doçura há na profundidade
do meu peito dolorido...!,
que manancial tão divino
em seu fluente frescor...!

Néctar de ricos perfumes
é o peito do meu Amado,
onde meu ser, cativado,
do solo à altura sobe.

Que passem todas as coisas
sem perturbar o repouso
da minha alma com seu Esposo,
em íntima união gozosa!

Ele me beija... eu o beijo...;
e, em doce retorno,
os dois dizemos amor
sem dizer-nos mais que isso.

Mas amor que é, em ternura,
de tanta e tanta beleza,
que a alma a tem presa
pela sua infinita formosura.

Deixai meu peito em repouso,
que Deus beija em seu passar
com um tão terno roubar,
que é todo seu ser em gozo.

Profundeza dos meus mistérios...!
Rompa o silêncio em cantares
de sagrados teclares
pelo voar do meu vôo.

Pois tanto corre a minha alma
quando sente o seu Amador,
que empreende vôo veloz
atrás da marcha de quem ama.

Silêncio, guarda o segredo
do meu peito enternecido
que se sente todo enchido
em ternuras do Imenso.

«Frutos de oración»

2.100. Quantos consagrados perderam o verdadeiro sentido do sobrenatural, e, por isto, converteram-se em pedra de escândalo e ruína das almas...! (17-12-76)

2.101. Que dor sinto ao contemplar que grande parte do povo consagrado, perdendo o seu olhar sobrenatural, desorientou-se, enchendo de amargura o coração dos homens, ao apresentar-lhes um cristianismo raquítico e material que, fazendo-os buscar só os bens daqui, separa-os do Bem infinito! (17-12-76)

2.102. Dizes que amas a Deus e os homens, e não procuras pôr nos corações dos que te rodeiam o desejo do sobrenatural, único capaz de encher de paz e caridade, para que se entreguem a Deus e por Ele aos demais? (17-12-76)

2.103. Sacerdote de Cristo, alma consagrada, se te separas do contato com Deus, perdes o olhar sobrenatural, e então levas os que te rodeiam a viver só de uns bens caducos, sem mostrar-lhes o Bem supremo que lhes fará felizes por toda uma eternidade. (17-12-76)

2.104. Porque te separaste do contato familiar com Cristo, obscureceu-se a tua vida, invadiu-

te a confusão, encheu-se o teu peito de amargura; e, talvez, sem dar-te conta, fazes isso mesmo com os que de ti se aproximam. (17-12-76)

2.105. Dizes que queres dar Deus aos homens... Como lhes darás um Deus que não conheces por não buscar tempo para estar com Ele e, assim, penetrando seu pensamento, saber como deves viver e atuar? (17-12-76)

2.106. Estás consagrado a Deus? Reflete, pois o tesouro que o Senhor pôs em tuas mãos ao chamar-te «para estar com Ele»¹ e enviar-te aos demais, é comunicado aos pequeninos, especialmente aos pés do Mestre em grandes tempos de oração. (17-12-76)

2.107. Tu, que te consagraste a Deus, levanta-te do teu letargo espiritual, olha para o Cristo do Pai que te pede ajuda, não te deixes arrastar pela confusão que nos invade, sê valente, não tenhas medo dos soberbos; Deus sairá por ti, pondo em tua boca quanto deves dizer, se, vivendo d'Ele e para Ele, com coração sincero e alma limpa o buscas. (17-12-76)

¹ Mc 3, 14.

3-5-1973

POR QUE, SE ORO,
SINTO-ME PLENA...?

*Por que, se oro,
sinto-me plena,
e nada anelo
e nada busco
que em mim não tenha...?*

*Por que, se oro,
encho as ânsias
de minhas esperas,
sacio minhas fomes,
acalmo minhas penas...?*

*Por que, se oro,
minha alma Igreja
se estende tanto,
que enche o mundo
com os fulgores
da tua presença...?*

*Por que, se oro,
não necessito
dizer em frases
tuas experiências,
porque me estendo
por todas as partes
com tua influência...?*

Por que, se oro,
se sente a alma
com profunda urgência
de ser simples,
de ser mais boa,
de ser perfeita...?

Por que, se oro,
sinto os homens
de mim tão perto,
que és Tu mesmo
quem descubro
atrás da sua presença...?

Por que, se oro,
toda minha vista
que é tão rasteira,
se faz divina,
e entende tudo
com tuas maneiras...?

Por que, se oro
e aqui na terra
vaga minha alma,
quando descanso
junto a tuas portas,
encontro o Céu
que me repleta...?

Por que, meu Deus,
por que nas tuas portas
me sinto plena...?

7-12-1962

FECUNDIDADE DA VIRGINDADE

Ó Virgindade, Virgindade transcendente!, sida e possuída por Deus na perfeição coeterna do seu infinito ser; e participada, através de Cristo e por Maria no seio da Santa Mãe Igreja, repleta e saturada da Virgindade, pela criatura que, sentindo-se elegida pelo Infinito para ser parte do povo consagrado e viver para glorificá-lo, busca incansavelmente multidões de almas, com o fim de encaixá-las no plano de Deus, que nos criou só e exclusivamente para que o possuíssemos.

Sendo o grito torturante da minha *alma-Igreja*, e por ser dentro desta Santa Mãe o Eco em proclamação dos seus cantares, desde que o Senhor eleger-me para Ele na minha busca incansável e insaciável de cumprir a sua vontade em todos e cada um dos momentos da minha vida:

Glória a Deus!, almas para o seu seio!

Ó Virgindade, Virgindade!, tão desconhecida como amada e anelada pelas almas amantes que,

subjugadas pelo esplendor do Verbo infinito do Pai feito Homem por amor, e Esposo das virgens, descobrem a pérola preciosa do Evangelho e renunciam a tudo para possuí-la, seguindo o Cordeiro onde quer que ele vá, porque «sua voz é doce ao paladar, seu rosto formoso, e seus amores melhores do que o vinho»¹.

A verdadeira virgindade ou castidade perfeita da alma consagrada, tem sua razão de ser na adesão total e incondicional da alma ao sumo Bem, em afastamento de tudo o que não seja Deus, com a tendência eficaz a viver do infinito Ser, que elegeu e predestinou seu povo consagrado, como diz o Evangelho, «para estar com Ele e mandá-los a pregar»².

Pelo que, na medida em que vivemos de Deus e para Ele, vamos enchendo a predileção de quem nos criou e elegeu para sermos os confidentes do Mestre, que, «apoiados no seu peito, como São João na última Ceia»³, fazem-se pregadores do divino. Por isso temos que tender à Virgindade transcendente, para satisfazer o fim para o qual fomos criados, aderindo-nos como os anjos de Deus, dando glória ao Pai, glória ao Filho e glória ao Espírito Santo, ao que é a suma Perfeição, e que, por infinitude da sua mesma Virgindade ou adesão à sua perfeição eterna, rompe em fecundidade.

¹ Cf. Ct 2, 14; 1, 2. ² Mc 3, 14-15. ³ Cf. Jo 13, 25.

A Virgindade infinita é a adesão do sumo Bem a si mesmo, em tal afastamento de tudo o que não seja Ele, que, em sua Trindade, tem saciada toda a sua capacidade eterna de perfeição.

Deus, por *ser-se* a Virgindade incriada, não pode estar aderido mais que a si mesmo pela plenitude do seu ser e a perfeição da sua mesma natureza divina.

Ó Virgindade, Virgindade transcendente!, que faz com que o Pai, de tanto ser fecundo em adesão infinita a si mesmo, pela plenitude inexausta da sua inefável perfeição, rompa numa Palavra, tão divina, tão plena, tão infinita, tão exuberante, abrangente e acabada, tão como Ele!, que é tudo o que é o Gerador supremo, mas em Expressão Canora de consubstanciais e inéditas melodias, que, num romance de amor, volve para o Pai, expressa-lhe toda a sua vida em Canção...

E o Pai e o Filho, num abraço coeterno, paterno-filial, de doações e retornos amorosos, rompem, sem romper, num afluente de amor tão divino e descansado, que o amor com que se amam em expiração amorosa entre ambos, faz surgir o Espírito Santo: beijo de amor pessoal do Pai e do Filho em descanso amoroso de Família Trinitária.

Sendo Deus três divinas Pessoas tão aderidas a si mesmas e entre si pelo seu ser de transcendente Virgindade em Santidade infinita, que, apesar de serem três divinas Pessoas, é um só Deus numa só perfeição em infinitude infinita, por infinitude de ser, de infinitas perfeições e atributos; na qual e à qual as três divinas Pessoas estão tão consubstancialmente aderidas, que se identificam com ela; sendo umas para as outras e estando umas nas outras na unidade eterna, consubstancial, infinita e subsistente do seu ser.

Deus, apesar de ser três divinas Pessoas e não poder estar aderido mais que a si mesmo, é tão Uno que, ao estarem aderidas as Pessoas entre si, o estão à sua mesma realidade e a si mesmas, mas em maneiras distintas e pessoais de adesão. Pelo que a vida trinitária de Deus na sua Santidade intocável, é sida e possuída por Ele no seu ato de Virgindade eterna e insondável, na excelsitude exuberante da sua plena perfeição e no afastamento total e absoluto de tudo o que não seja Deus mesmo em si, por si e para si no seu ato imutável de vida intercomunicativa e trinitária.

Ó meu infinito Ser!, minha alma te apercebe em saboreamento de glória, afundada no mistério da tua sapiencial Sabedoria que, enaltecendo a medula do meu espírito, faz-me irromper proclamando as grandezas da Virgindade trans-

cedente, sida e possuída por Ti; e participada pelo homem de olhos transparentes, alma simples e limpo coração, que, transcendido de tudo o que é criado, apercebe o néctar riquíssimo que dimana da infinita Virgindade em torrenciais mananciais de vida divina, que se derramam desde o seio de Deus, pelo lado aberto de Cristo, ao povo consagrado; para fazer os seus eleitos confidentes de Jesus, doadores de Deus em manifestação dos seus planos eternos e do «Mistério escondido desde os séculos e desde as gerações, mas agora manifestado aos seus santos»⁴.

A verdadeira Virgindade é a do sumo Bem, que, por *ser-se* Ele a Santidade eterna, não se pode aderir mais que a si mesmo; Virgindade transcendente à qual a alma consagrada tem que tender por estar criada para participar em adesão da infinita Virgindade rompendo em fecundidade.

Ó Virgindade transcendente...!, que necessidade de aprofundar na profundidade profunda da profundidade do teu mistério, e contemplar a fecundidade infinita que em Ti encerras... e que por Ti se derrama em frutos de vida divina aos homens!

⁴ Cl 1, 26.

Deus mesmo, o Ser infinitamente espiritual, o Intocável, o Insondável, a Santidade infinita, *se é* a Virgindade incriada em tal plenitude, que o fruto dessa Virgindade eterna do Pai é o Verbo, no qual e «pelo qual foram feitas todas as coisas»⁵.

Virgindade divina, és Fonte que mana a borbotões em mananciais infinitos de caridade eterna. Aprofunda-me no saboreamento profundo do teu mistério, para que, em silêncio, deguste esse néctar divino que em Ti se encerra; fazendo-me tão virgem, tão aderida a só Deus, tanto, tanto!, que me abisme na entranha virgínea e eterna do Gerador, onde a eterna Virgindade tem seu princípio sem princípio e sem fim, seu manancial e fecundidade, e assim, viva na ocultação velada da vida divina.

Dá-me de beber dos caudais da tua riqueza infinita, ó Virgindade desconhecida!, para que eu, escolhida pelo Espírito Santo para ser só de Deus, saiba cantar no seio da Santa Mãe Igreja e por ela, como o Eco dos seus cantares, a todos os homens, as riquezas que em Ti descobriu minha alma enamorada do Esposo divino, sendo para Ele toda virgem: «Como açucena entre espinhos é minha amada entre as donzelas»⁶; atrás da qual, atraídas as demais almas «ao odor dos perfumes do seu Amado»⁷, cor-

⁵ Cl 1, 16.

⁶ Ct 2, 2.

⁷ Cf. Ct 1, 3.

rem a embriagar-se com o mosto divino que exalam as suas palavras «mais doces do que o mel escorrendo dos favos»⁸.

Esposo das virgens, ó meu Amado, «o que pastoreia entre açucenas», «onde repousas ao meio-dia»⁹, para entrar em teu jardim, ali onde Tu, e aperceber «a geração eterna do Pai dando-te à luz da sua mesma Luz entre esplendores de Santidade?»¹⁰.

Ó Virgindade incriada, que tens teu princípio naquele gerar divino de santidade intocável...! Que venha a alma virgem sedenta, todo aquele que queira saciar-se com a Santidade de Deus. Sim, que venha quem queira virginizar-se e beba na boca da fonte do gerar divino onde *se é* a Virgindade eterna na sua comunicação trinitária, no segredo silencioso, subsistente, coeterno e substancial da sua eterna fecundidade.

A Virgindade transcendente é a desnecessidade absoluta de tudo o que não é Deus mesmo –o Ser na sua fecundidade divina– que, por exuberante e perfeito, tem que romper em fecundidade.

Deus *se é* a Fecundidade eterna, Fecundidade que em Deus *se é* a sua mesma Virgindade. O

⁸ Sl 18, 11.

⁹ Ct 6, 3; 1, 7.

¹⁰ Cf. Sl 109, 3.

fruto máximo da fecundidade tem a sua raiz na virgindade.

Pelo que o Pai, Fonte de infinita e eterna Virgindade, gera um Filho que é toda a sua Virgindade em filiação amorosa.

O Pai gera uma Palavra que é todo o seu ser em Virgindade Explicativa, sendo o Espírito Santo o Amor da Paternidade Explicativa, que por perfeição de Virgindade, em abraço amoroso entre ambos, é outra Pessoa; tendo os Três uma só Virgindade em perfeição pessoal.

A Virgindade eterna é a infinitude exuberante que, pela sua perfeição perfeita, fecunda e suficiente, conhecida pelo Pai, fá-lo romper em fecundidade; e assim Este gera como fruto do seu conhecimento amoroso ou sabedoria infinita. Pelo que o Verbo é a Sabedoria do Pai em Expressão; sendo esta Sabedoria o Pai, e Sabedoria Sabida o Verbo, num amor tão sapiencial, que de ambos surge a terceira Pessoa da infinita e adorável Trindade em Sabedoria Amorosa pessoal, estando as três divinas Pessoas aderidas em Virgindade eterna entre si.

Não há fecundidade como a divina, nem há virgindade como a do Eterno, sendo Deus *o Virgem* que, em fecundidade divina, gera, e sendo o gerar divino uma corrente infinita de eterna virgindade. Ó, que feliz é Deus, que fecundo e que virgem...!

A humanidade de Cristo, criada para unir-se hipostaticamente na pessoa do Verbo com a natureza divina, é a lira finíssima que recompila em si todas as perfeições infinitas que, em sua simplicíssima perfeição, *se é* Deus em sua Trindade Una.

Predestinada desde toda a eternidade para ser a humanidade do Verbo Encarnado, foi-lhe dada a capacidade única de apanhar e atrair a si a Divindade para unir-se hipostaticamente a ela na pessoa do Verbo.

Foi tão grande a sua perfeição, que, ao criá-la Deus, deu-lhe tal capacidade e fê-la tão virgem, que pôde só ser a humanidade do Verbo Encarnado; já que pela sua criação exigia – não porque criatura alguma pudesse exigir nada de Deus, mas porque pedia sobre si o cumprimento do plano divino – a união hipostática para a qual fora criada; e da qual foi consciente desde o primeiro momento da Encarnação pela plenitude perfeita e acabada dessa mesma união hipostática entre a natureza divina e a natureza humana na pessoa do Verbo em desponsórios eternos e indissolúveis.

E o Verbo Encarnado, em e pela plenitude do seu Sacerdócio, uniu Deus com o homem; sendo Ele esta mesma União em reparação infinita à Santidade de Deus ofendida.

Deus fez Maria tão Virgem à imagem da sua eterna e infinita Virgindade que, pelo poderio excelso da sua Santidade intocável, abrigada sob a sua sombra e por obra do Espírito Santo, somente pôde ser Mãe do mesmo Deus; já que foi tão excelsa a virgindade que Deus, ao predestiná-la desde toda a eternidade, derramou sobre Ela, que teve que romper em Maternidade divina, dando como fruto o Verbo Encarnado do Pai. A sua capacidade maternal, à imagem e em participação da paternidade divina, só um fruto pôde dar segundo o pensamento coeterno do infinito Ser sobre Ela: o Verbo divino feito homem no seu seio, sob o arrulho e a brisa, em passo de amor fecundo, do Espírito Santo.

Deus se fez uma Mãe que, à imagem da sua paternidade, exigisse ser Mãe do mesmo Deus; e Deus se fez uma Virgem, tão Virgem!, que, à imagem da sua Virgindade eterna, pedisse uma fecundidade tal, que tivesse que romper em Maternidade divina.

Virgindade transcendente, és a margarida preciosa pela qual o mercador do Evangelho vende tudo o que possui para comprá-la.

Ó virgindade, virgindade...! Quando Deus quis fazer-se uma Mãe, criou-a para ser fecunda, tão fecunda, que do seu seio brotasse o mesmo Deus Encarnado; sendo esta fecundidade de Maria a fecundidade máxima que ne-

nhuma pura criatura teve jamais nem terá no céu nem na terra.

A fecundidade de Maria chama-se Maternidade divina, que, subindo ao mesmo peito do Altíssimo, atraiu a si pelo sacerdócio peculiar da sua Maternidade divina o Verbo da Vida; o qual, encarnando-se no seu seio, fez possível o impossível mediante a união de Deus com o Homem.

Diz-me, Maternidade de Maria, o que te fez tão fecunda?, que riquezas tem o teu seio para que o mesmo Deus nele se encarnasse?

Ó Virgindade excelsa!, és o segredo da Maternidade de Maria, pois eu sei, num saboreamento que é vida de luz transcendente, penetrada pelo pensamento divino, por uma graça do Espírito Santo, que a fecundidade espiritual tem a sua raiz na virgindade. E o sei porque, metida no Seio da Trindade, surpreendi o Eterno dando à luz, como fruto da sua Virgindade incriada, o Verbo infinito; vendo surgir desta Virgindade paterno-filial o Beijo de amor coeterno que, em Virgindade santa, dão-se o Pai e o Filho na sua intercomunicação amorosa de Família Divina, na ocultação velada, recôndita e misteriosa da sua vida eterna.

A Virgindade perfeita é a posse total da perfeição infinita; e Deus *se é* a Perfeição eterna e o Possuído infinitamente por si mesmo, num

afastamento total de tudo o que não é Ele; já que, Aquele que É, é aquilo que é, em si, por si e para si, estando *sendo-se-lo* e *tendo-se-lo* sempre sido.

A máxima fecundidade em virgindade infinita é Deus. E depois d'Ele e do Verbo Encarnado, Maria, que chegou a tanto a sua virgindade, a tanto!, e a fez tão fecunda, tanto, tanto!, que o Verbo do Pai, a mesma Virgindade incriada, fecundando-a, n'Ela se encarnou.

Há um mistério tão grande e penetrativo no que tão pobrementemente estou manifestando, mas que tão deleitável e saboreavelmente penetro, que, por mais que o procuro, não posso dar-lhe forma.

Só saberei dizer que Maria foi criada para Mãe de Deus, e que a prerrogativa mais importante da Virgem é a sua Maternidade divina, pela qual e mediante a qual, foram-lhe concedidas todas as demais graças a «A cheia de graça»¹¹, pelo Fruto do seu ventre bendito. Mas também sei que foi necessário que Maria fosse Virgem para ser Mãe de Deus; já que, na ordem divina, a fecundidade necessita da virgindade, para dar o fruto que a infinita Santidade exige.

Maria foi criada para ser Mãe de Deus. Como conseqüência indispensável, Deus a criou para

¹¹ Lc 1, 28.

si Virgem, porque se assim não tivesse sido, o seu seio não teria sido capaz de ter nem conter a fecundidade excelsa de ser Mãe de Deus; já que, à maior virgindade corresponde uma maior fecundidade na ordem divina, como vimos anteriormente no princípio da geração eterna em Deus.

E assim vemos Maria, à imagem do Pai, dando à luz um só Filho como fruto da sua quase infinita fecundidade. E este fruto foi tal, que, nos dois, é o Verbo divino: em Deus, como unigênito do Pai, e em Maria, como esse mesmo unigênito Encarnado, fruto da sua virgindade maternal.

Ao criar Deus Maria para Mãe do Verbo, deu-lhe uma virgindade tal, fê-la tão Virgem, tanto!, que teve que romper em Maternidade divina; já que a criou para Mãe do seu Verbo, e plas-mou-se n'Ela fazendo possível que, num grito de: só Deus!, o fruto da Maternidade virginal de Maria fosse o mesmo Verbo Encarnado.

Maria é Mãe de Deus segundo o desígnio eterno, por ser Virgem, por ter-lhe dado Deus participar da Virgindade eterna que a Ele faz romper em fecundidade divina.

Não há fecundidade como a de Maria, porque não há virgindade como a sua; já que, à maior virgindade, mais profunda, exuberante e plena fecundidade!

Ó Virgindade, Virgindade!, que te balbucio e te profano...; que quereria explicar o teu mistério, e, talvez, a quem leia esta páginas, por minha rude expressão e a sua humana captação, confunda-o...!

Deus, no seu gerar misterioso e divino, está coberto, envolvido e oculto pelo véu da sua Virgindade eterna. E ali, no recôndito do Ser, na sua profundidade silenciosa, entrando dentro daquele *Sancta Sanctorum*, introduzidos por Ele onde Ele, sendo-nos levantado o véu da sua Virgindade eterna, só ali podemos surpreender aquele eterno Gerar do Pai, que, em Palavra de fogo, rompe na ocultação velada do seu *ser-se* Família minha Trindade santa.

Também o grande mistério da Encarnação teve que ser envolvido e coberto pelo véu da virgindade; tampouco podia a alma introduzir-se naquele *Sancta Sanctorum* da união hipostática. E, assim como Deus em si mesmo está envolto e coberto, na sua Santidade intocável, pelo véu da sua Virgindade eterna na ocultação velada da sua vida divina, sendo a Virgindade em Deus um atributo; assim Maria é como o atributo da virgindade que cobre na terra o grande mistério da Encarnação. É Maria o véu que oculta o *Sancta Sanctorum* do grande mistério da união hipostática; é a Virgem quem en-

volve este mistério de surpresa indizível; é a Senhora toda Branca da Encarnação quem nos pode introduzir para contemplar o grande mistério que em seu seio se realiza; e é por Ela por onde surpreenderemos Deus fazendo-se Homem, e o Homem sendo Deus.

Um manto de Virgindade eterna envolve o grande mistério da Família Divina, e um manto de virgindade transcendente cobre, na terra, o grande mistério da Encarnação.

Maria é tão Virgem, que é como o atributo que cobre o mistério terrível da união hipostática; e de tal forma é Ela sede da Virgindade eterna, que, em suas entranhas, Deus se faz Homem e o Homem se faz Deus.

Ó Virgindade, que encerras no teu mistério o Verbo divino em seu princípio sim princípio e no mistério terrível da Encarnação...!

Ó Maria, virgindade plena, que, rompendo em fecundidade, concebes o mesmo Verbo da Vida Encarnado, que te faz ser, pela tua Maternidade virginal, Mãe de todas as almas...! Por ser Virgem, encerras em teu seio o Deus feito Homem; e por ser Virgem, és Mãe da Igreja, a Nova Eva, Mãe universal de todos os homens.

Deus te fez sua Mãe para que fosses seu descanso e o meio pelo qual viesse aos homens. Mas, como fruto indispensável desta Maternida-

de, fez-te Virgem, de forma que se não tivesses sido Virgem, a só de Deus!, não tivesses podido ser Mãe do mesmo Deus, porque o Verbo divino Encarnado só da virgindade podia ser fruto, já que o fruto máximo da fecundidade está na virgindade transcendente pela separação infinita entre o divino e a criação.

E a razão é que Deus, que é a Virgindade por essência, *se é* a Fecundidade infinita, e quando criou Maria para ser sua Mãe, teve que fazê-la à imagem d'Ele mesmo: Virgindade fecunda que só tem um fruto: o Verbo, «Deus de Deus, Luz de Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, da mesma natureza do Pai», e «Figura da sua Substância»¹².

Mas «a Luz veio para as trevas e as trevas não a receberam», sendo a «Glória de Israel e Luz dos gentios»¹³.

Ó Virgindade, que roubas o coração das almas mais puras; que tens a tua raiz no mesmo peito do Altíssimo, envolto e coberto no *Sancta Sanctorum* da sua Santidade eterna rompendo em Paternidade; que és tão fecunda, que o mesmo Deus, na sua subsistência infinita de adesão total a si mesmo, rompe em fecundidade

¹² Símbolo Niceno; Hb 1, 3. ¹³ Jo 1, 5; Lc 2, 32.

gerando o seu unigênito Filho! E a Virgem foi Mãe como fruto do seu grito de «só Deus»; o qual a fez tão fecunda, que a fez romper em maternidade, e Maternidade divina!

Realizando-se estes mistérios ocultos aos olhos carnaís, os quais, por não penetrarem no brilhantismo exuberante da virgindade da alma consagrada, repleta de fecundidade, às vezes, em seu desatino e loucura, chegam a crê-la estéril...

«Feriste meu coração, ó minha irmã e esposa, feriste meu coração com um só dos teus olhos, com uma só das jóias do teu colar!. Como são belos os teus amores, ó minha irmã e esposa, melhores, os teus amores, do que o vinho, e o odor dos teus perfumes supera todos os aromas.

Teus lábios, minha esposa, são favo que destila o mel; sob a tua língua há mel e leite, e o perfume de tuas vestes é como o perfume do Líbano. És um jardim fechado, minha irmã e esposa, jardim fechado e fonte lacrada»¹⁴, diz o Esposo no Cântico dos Cânticos.

O qual, enamorado da alma virgem, eleita por Ele e consagrada à sua Santidade infinita para glorificá-lo e, pelo fruto da sua virgindade rompendo em fecundidade, dar vida às almas; recriando-se amorosamente em intimidade de colóquios de

¹⁴ Ct, 4, 9-12.

amor e inundando-a do néctar da sua Divindade, expressa também no Cântico dos Cânticos: «Eu vos conjuro, mulheres de Jerusalém, pelas corças e gazelas do campo, que não desperteis nem façais acordar a amada, até que ela o queira»¹⁵.

Porque, assim como a alma virginal enamorada busca grandes tempos de oração para viver em intimidade com o Esposo divino, exclamando no seu interior: «Meu Amado é para mim e eu sou para o meu Amado»; Jesus, «que pastoreia entre açucenas»¹⁶, necessita comunicar-se aos que ama, já que está fatigado o Amor por não encontrar a quem comunicar o seu segredo: «Busquei quem me consolasse e não o encontrei»¹⁷, porque busquei quem me escutasse e me compreendesse e não o encontrei. E «se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Pois aquele que quiser salvar a sua vida, vai perdê-la, mas o que perder a sua vida por causa de mim, vai encontrá-la»¹⁸.

O divino Mestre, o Deus da Eucaristia num tempo de oração e penetrando-me da sua sapiência divina junto aos pés do sacrário, enquanto, prostrada e adorante, apoiava-me em

¹⁵ Ct 2, 7.

¹⁷ Sl 68, 21.

¹⁶ Ct 2, 16.

¹⁸ Mt 16, 24-25.

seu peito, como o Apóstolo São João na última Ceia, apercebendo as batidas do seu coração cheias de lamentações e gemidos amorosos; estando exercendo o peculiar sacerdócio na postura sacerdotal que Ele mesmo ensinou à minha alma: recebendo-o em abertura incondicional, respondendo-lhe em retorno amoroso, levando às almas as suas doações eternas, e recompilando os homens para trá-los diante d'Ele;

silenciosa e ofegantemente, cheio de lamentações amorosas, penetrou a medula do meu espírito com estas profundas, sacrossantas e misteriosas palavras que ficaram gravadas no mais íntimo do meu coração:

«Eu sou todo amor e as almas não me amam».

Lamento que, acendendo em brasas a medula do meu espírito, lançou-me novamente no meu grito incansável, dilacerante e veemente de:

Glória a Deus! Almas para seu seio! Só isso! O resto não importa!

Grito dilacerante da alma consagrada que foi escolhida para estar com o divino Mestre e enviá-la a comunicar o segredo recebido no seu Peito divino; o qual, como vulcão acendido, impulsiona o coração dos que ama em sede torturante de almas, que aplaquem o seu lamento:

«Quem tenha sede, que venha; quem queira, que tome grátis a água da vida».

«Quem tenha sede, que venha, e beba quem crê em mim; do seu seio brotarão torrentes de água viva».

«Quem come a minha carne e bebe o meu sangue, tem a vida eterna e Eu o ressuscitarei no último dia»¹⁹.

Pelo que a alma sacerdotal ou consagrada a Deus, escutando Jesus e recebendo-o, impulsionada pela petição dilacerante do seu peito bendito e penetrada pelo pensamento divino, tem de buscar incansavelmente a maneira de manifestar o rosto de Deus na face formosa da Santa Mãe Igreja, onde o mesmo Deus se dá a nós, num delírio de amor, cheio de infinita misericórdia, com Coração de Pai, Canção de Verbo e Amor de Espírito Santo. Porque os homens que percam Deus perderam o fim da sua razão de ser; já que fomos criados só e exclusivamente para possuí-lo e viver por participação da mesma vida que Ele vive em intercomunicação trinitária de Família Divina.

E tem que ser também, pela sua vida e a sua palavra, pela sua modéstia e compostura exterior, e o seu recolhimento interior, cheio de amor aceso para Deus e para os homens, proclamação radiante da sua vocação de Igreja viva e consagrada no meio de um mundo corrom-

¹⁹ Ap 22, 17; Jo 7, 37-38; 6, 54.

pido, atenazado e escravizado pelas suas paixões e concupiscências.

Ó Virgindade, Virgindade, de onde dimana toda fecundidade!, manifestação esplendorosa da esplendidez infinita daquele que É, deixa-me que te cante em tua formosura meus poemas de glória; já que atraída pelo odor dos teus perfumes como esposa enamorada do Cordeiro sem mancha, correndo atrás d'Ele –pois «agradáveis de aspirar são teus perfumes» e «teu amor é mais suave do que o vinho»²⁰–, fui introduzida no festim divino do Esposo das virgens.

Roubada por tua riqueza e formosura, ó Virgindade transcendente!, renunciei à fecundidade humana, porque pressenti um grande mistério que, sem compreendê-lo, sabia-me «de vida eterna, que toda dívida paga»²¹; apesar de que, ao consagrar-me a Deus, teria que renunciar a essa como lei geral que todos temos de ser fecundos, de dar vida.

«Escuta, filha, olha: inclina o ouvido, esquece teu povo e a casa paterna; cativado está o rei pela tua beleza:

“Em câmbio de teus pais, terás filhos, que nomearás príncipes por toda a terra”»²².

²⁰ Ct 1, 3. 2. ²¹ São João da Cruz. ²² Sl 44, 11-12a. 17.

E hoje, quando Deus na sua Santidade infinita de transcendente Virgindade envolveu todo o meu ser, quando sinto-me penetrada pelos seus aromas, quando sou totalmente feliz, e como unguida, possuída e banhada pelo néctar da excelência do infinito Ser, que faz aperceber à minha alma: «tua voz é doce ao meu paladar»²³, enviando-me a manifestá-lo; tenho que cantar-te, ó Virgindade querida, um hino de glória, porque, por participação do meu Deus, e sob o abrigo maternal de Maria, a minha fecundidade estendeu-se tanto, que me sinto, vejo e experimento, participando da fecundidade da Igreja, e sendo dentro dela o Eco diminuto dos seus cantares, mãe universal de todas as almas.

Que venha beber na Fonte incriada de virgindade todo aquele que sinta necessidade como infinita de fecundidade espiritual, que se nos dá por Cristo, o Esposo das virgens, através de Maria no seio espaçoso da Santa Mãe Igreja, repleto e saturado de virgindade, como Esposa Imaculada do Cordeiro; a qual foi engalanada pelo Espírito Santo com todos os seus frutos, dons e carismas no dia das suas bodas eternas no Pentecostes, para saturar todos os homens de Divindade!

Alma que me escutas, tu que necessitas dar vida e ter descendência, se queres, se te sen-

²³ Cf. Ct 2, 3. 14.

tes chamada, se há em ti saudade do Infinito, renuncia a essa paternidade ou maternidade humana que te dará uns filhos que possas contar com os dedos da mão, e abraça este estado de virgindade ou castidade consagrada que fecundará a tua paternidade ou maternidade espiritual tanto, que a tua descendência será, à semelhança do nosso Pai Abraão, «como as estrelas do céu e as areias do mar»²⁴.

A quem busque formar um lar para estar rodeado de filhos e assim poder dar glória a Deus mediante essa mesma fecundidade, sinto-me impelida a anunciar-lhe, manifestando-lhe, que há uma fecundidade acima daquela que o seu olhar humano conhece, e que tem a sua razão de ser na mesma Fecundidade infinita da Virgindade eterna.

E ainda que nem todos são capazes, como dizia Jesus, de «acolher esta palavra –virgindade–, mas só aqueles a quem é concedido; quem tiver capacidade para acolher, o faça»²⁵, vivendo na terra, como os anjos de Deus, uma antecipação de eternidade. Já que no céu, «os que forem julgados dignos de participar do mundo futuro e da ressurreição dos mortos, não se casam; e já não poderão morrer, pois serão iguais aos anjos; serão filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição»²⁶;

²⁴ Gn 22, 17. ²⁵ Cf. Mt 19, 11. 12d. ²⁶ Lc 20, 35-36.

vivendo num ato de amor puro, de: só Deus em si, por si e para si, e possuído e participado em gozo eterno por todos e cada um dos bem-aventurados.

Mas, filho amadíssimo da Santa Igreja, se não te sentes chamado ou capaz –pois «é melhor casar-se do que ficar abrasado»²⁷–, e te sentes inclinado a formar um lar, pensa que, por maior que seja o número da tua descendência natural, espera-te uma descendência espiritual que te reclama vida. Já que a *alma-Igreja*, pela sua inserção em Cristo, sendo membro vivo e vivificante do seu Corpo Místico, tem que ser universal; de forma que a sua irradiação estenda-se aos homens de todo tempo, povo, raça e nação.

Ó virgindade e castidade perfeita e sublimada, repleta de fecundidade, tão querida, anelada e apeteçada pela minha alma consagrada a Cristo!

Esta palavra, ‘virgindade’, encerra um mistério de fecundidade como infinita. Presta atenção, filho da Mãe Igreja, qualquer que seja o teu estado, olha se é fecunda a virgindade, que, inclusive entre as almas consagradas a Deus, a mais virgem é a mais fecunda; não a que mais

²⁷ 1 Cor 7, 9.

pregue, nem a que mais se veja, mas aquela que, fazendo-se uma coisa com a Virgindade incriada, faça-se tão virgem, tão só de Deus e só para Ele, tanto, tanto, tanto!, que rompa como fruto da sua virgindade, em fecundidade espiritual, recebendo o presente que o Esposo divino dá aos seus escolhidos: ser como os Apóstolos, pescadores de homens, enviando-os a anunciar o Evangelho.

Aquele que participe mais da Virgindade divina, será mais fecundo. Pois o virgem tem a sua máxima fecundidade no vazio de tudo o de cá e plenitude de só Deus; já que a mesma virgindade tem seu princípio, raiz e profundidade na Virgindade divina; pelo que, à maior virgindade, maior fecundidade.

Na medida em que vivas de só Deus, poderás dar vida, e assim, a tua descendência estender-se-á de geração em geração, chegando a tua irradiação espiritual repleta de fecundidade a ter seu descanso completo e repleto só, sendo Igreja universal, na eternidade.

Alma que me escutas, talvez sacerdote ou esposa de Cristo, consagrado ou consagrada a Ele, queres saber em que medida és pai ou mãe das almas? A virgindade que possuas será a medida da tua união com Deus num grito de só Ele e, portanto, da tua fecundidade espiritual; já que a virgindade ou castidade perfeita é um grito

de: Só Deus!, que te marca o caminho a seguir para ser fecundo e dar assim vida às almas.

Ó virgindade, virgindade do povo consagrado a Deus!, os homens, por não te conhecerem, crêem-te infecunda, não sabendo que é em ti e por ti, toda fecundidade espiritual.

Ó Virgindade, deixa que, mesmo sem poder-te expressar e sabendo-me de profanação o que de Ti possa dizer, minha alma cante ao Infinito um *Magnificat* de todo meu ser que necessita manifestar o amor que por Ti sente, –ó Virgindade veementemente buscada e cobiçada, desde que te descobri em apetência irresistível de possuir Deus–, e o agradecimento que tem ao mesmo Deus pelo dom recebido!

«Minha alma engrandece o Senhor»²⁸, porque o Esposo das virgens pôs em mim o seu olhar, para desposar-me «na justiça e no direito, no amor e na ternura»²⁹, com a sua infinita Virgindade; «e o meu espírito exulta em Deus meu salvador»³⁰, porque o Esposo divino fez-me sua virgem, tão fecunda que a minha maternidade espiritual estende-se a todos os tempos e até os últimos confins da terra.

Eu necessito ser virgem, toda e só de Deus, sabendo que, na medida que o seja, far-me-ei

²⁸ Lc 1, 46.

²⁹ Os 2, 21.

³⁰ Lc 1, 47.

uma coisa com o mesmo Deus e, à imitação de Maria, realizar-se-á em mim como uma encarnação do Verbo. E assim, sendo templo vivo e morada do Altíssimo, darei Deus às almas e vida divina ao mundo; já que a minha virgindade, fazendo-me esposa da adorável Trindade na sua Virgindade eterna, pede-me que, sendo por participação essa mesma Trindade, desde a minha alma e na minha alma, no mesmo Seio de Deus que em mim habita, dê Jesus às almas e leve, na minha postura sacerdotal, o fruto da minha fecundidade ao mesmo Deus.

Ó Amor...!, que necessito ser fecunda e dar-te descendência «como as areias do mar e as estrelas do céu»; e isto o conseguirei pela minha virgindade e na medida em que dela viva.

Filhos, vinde à mesa...! «Quem tenha sede, que venha e beba», e quem tenha fome, que venha e coma, que no seio da Santa Mãe Igreja, pelo portento do sublime Sacramento se vos dará «o Pão vivo» e «a água que salta até a vida eterna»³¹.

Filhos, vinde à mesa e «embriagai-vos, caríssimos», vivendo numa antecipação de eternidade como os anjos de Deus no festim divino da Virgindade eterna, da Felicidade infinita, da eterna Fecundidade...!

³¹ Jo 6, 51; 4, 14.

Vinde, sim, todas as minhas almas queridas, vinde a beber. Vinde «ao meu jardim, colhei minha mirra e meu bálsamo, comi o meu favo de mel, bebi meu vinho e meu leite. Comi e bebi companheiros, embriagai-vos, meus caros amigos»³² comigo, porque a bandeira que o Esposo das virgens «desfralda contra mim é bandeira de amor»³³; e por isso minha alma, correndo atrás d'Ele, cantará as glórias eternas do seu amor infinito.

Ó Virgindade, Virgindade, que enquanto mais te digo, mais te profano...! Porque, como poderá língua humana cantar as tuas excelências que dimanam do infinito e coeterno Ser?

No silêncio, afundada sob o abismo da minha miséria, o Amor me fez tão virgem, que me afundou no seu mistério e, penetrada pela sua infinita sabedoria, lançou-me a manifestá-lo.

³² Ct 5, 1.

³³ Ct 2, 4.

17-9-1972

ADORA, ALMA MINHA

Adora, alma minha,
em terno mistério,
escuta a batida
de Deus que está dentro,
e em ternos amores
e em doce cautério,
beija a alma esposa
com amor imenso.

Não o passo interrompas
de Deus em silêncio;
adora e espera,
guarda teu segredo;
silencia as vozes
de quem, em teu interior,
te diz romances
em chama de fogo.

Adora, alma minha,
adora em teu seio,
que a brisa doce
do Hálito eterno
está respirando
dentro do teu peito.
Não faças ruído,

fica em silêncio,
que Deus é muito profundo
e se te dá em beijo.

Pobre explicação,
rasteiros conceitos!,
palavras humanas,
rudes pensamentos...!

Como hei de dizer
com meu pobre acento
o passo suave
de Deus, sem conceitos?

Como hei de expor
este viver lento,
este aperceber
o Imenso, dentro...?
Dentro da minha entranha,
dentro do meu peito,
na profundidade profunda
do meu cativeiro,
no ponto fino
onde mora o Verbo,
onde o Pai gera
na sua ocultação
e os Dois se abrasam
em Amor imenso!

Adora, alma minha,
que Deus está dentro
vivendo a sua vida
em teu seio aberto.

Adora prostrada
e escuta o Eterno,
porque Ele te fala
em chamas de fogo,
em martírios doces,
em cautérios lentos...

Aprofunda-te em tua profundidade,
verás que mistério...

Quando Deus se acerca
a meu ferido peito,
lá no meu interior
se faz o silêncio,
e todo ruído
me sabe de tormento;
tudo o que é terra
é como um lamento
que me deixa em prensa,
que me mete dentro.

Adora, alma minha,
e escuta em silêncio,
porque passa Deus
em brisa de fogo!

«Frutos de oración»

1.920. O passo do Imenso sobre a alma apercebe-se como exército que, em miríadas de imponente força, dizem, no seu ímpeto avassalador, assobio delicado de suavidade silenciosa em profundidade abismal de união trinitária. (28-6-62)

1.921. Silêncio!, que passa o Amor pela alma da esposa no seu dizer calado de suavidade infinita. (28-6-62)

1.922. O rumor do teu passo sobre a minha alma soa-me como assobio delicado de união sagrada que, dizendo-me coração de Pai, sabe-me de Eternidade. (28-6-62)

1.923. Que grande é sentir-se esposa do Espírito Santo! Não há nada comparável, pois é tão delicado o seu toque, que é saboreamento profundo de Eternidade. (18-9-74)

1.924. Quando em seu passar ou pousar Deus atua candentemente na medula do espírito, apercebe-se o calor do seu fogo: «Metade de romãs são tuas faces», enrubescidas pelo beijo da boca de Yahweh. (11-5-76)

1.925. Deus passa ou se poussa. E a alma acostumada ao seu passar e ao seu pousar, sente-o vir; e esse senti-lo agita o seu espírito em amor

de recepção... É seu amado que vem, como o pequeno cervo, correndo pelos montes de Galaad, a visitar a sua amada; e esta se inflama com a vizinhança do seu passo. (11-5-76)

1.926. A petição do Eterno ao meu ser é como fogo devorador que me impulsiona a fazer o que tenho que fazer e a dizer o que tenho que dizer. (30-9-74)

1.927. Deus *se é* o Deus terrível que, quando se lança para a alma para atuar nela em prova, pulveriza-a, purificando-a com a sua mão poderosa. (7-4-67)

1.928. Que bom é sentir o Imenso na alma, ainda que seja despedaçando esta para imolá-la! Mas, que bom é Deus sempre! (7-4-67)

1.929. O Amor beija no interior do espírito. Silêncio... e para dentro, que o Amor passa com toque de divindade...! Que profundo, que doce, que terno, que cauterizante, que penetrante, que infinito e que eterno é o Espírito Santo...! (15-2-76)

1.930. O toque do Espírito Santo é ânsias de Eternidade, desejos de perfeição, urgências do Infinito, busca do Bem amado. (7-4-67)

1.931. Que doce é sentir-se beijada por Deus na substância da alma, em silêncio! (17-3-63)

19-5-1975

ESTÁ CERCANDO-ME O AMOR

Está beijando o Amor
com impetuoso beijo,
em silêncio.

Como romance de amores,
está palavras dizendo,
em segredo.

É profundo o seu palpitar,
na minha medula o sento,
sem conceitos.

Pois «respira» o Deus vivente
onde Ele mora, ali dentro,
no meu seio.

Está dentro o meu Amador,
em perfurante cautério;
como seta acesa,
eu o advirto.

São beijares os vulcões
que asseteiam o meu peito
com penetração pungente
de mistério.

Está cercando o Amor
os silenciados encontros
do seu passar silencioso,
em cautérios.

Coração enternecido,
palpita dentro do peito!
em batidas de amor puro,
que Deus se oculta com fogo
em teu encerro.

Infinita Majestade
em infinitude de Imenso,
passas beijando em beijar
desde a tua altura a este solo,
atrás dos véus.

Conversações que convidam,
pelas vozes do silêncio,
a adorar o Infinito
no modo sempiterno
dos céus...

Brote meu peito em cantares!,
prorrumpa, em seu modo quedo,
do Infinito em seu *ser-se*
as excelências dizendo
no solo!

Ardores de amor puro,
enchei em brasas meu peito!,

porque Deus passa beijando
dentro, com seu modo eterno,
em meu centro.

Deixai-me, passai ao longo,
criaturas, deste encerro!
Não interrompais os amores
entre minha alma e meu Dono,
em requebros!

Deixai-me, que Deus me beija,
profundo, muito dentro,
no peito...!

17-12-1981

PARTÍCULAS PEQUENAS

Até agora eu não soube, ó Jesus de meus amores!, outra nova maravilha do teu amor entre os homens...

À santa Eucaristia eu me acerco reverente, com tremores cada dia, quase sem querer roçar-te com minha boca entorpecida, pois conheço, na minha pobreza, as eternas perfeições da tua excelssitude excelsa, em teus fogaréus divinos...

Com surpresa hoje soube, que partículas caem das mãos do seu ungido sem que ninguém o aperceba...: diminutas...!, tão pequenas...!, que, ainda que não queira quem ama, como um beijo, escapam-se-lhe, que Tu dás desde a tua alteza à minha baixeza, para beijar este solo com infinita clemência...

Qual mendigo, Tu derramas mil perdões com a brisa do teu vôo, ao realizar-se o grande portento do sublime Sacramento pela palavra amorosa, reprovável ou trêmula, de um dos teus elegidos que, em vontade poderosa, foi por Ti mesmo escolhido...

Nada importa como seja quem consagre!, para realizar-se o grande prodígio de que o pão se torne em Ti e que em Sangue mude o vinho, já que em teu amor quiseste repletar, como Alimento, por meio deste portento, quantos queiram comer-te com amor, com desprezo ou com descuido...

Mas, a minha alma enamorada, ficou subjugada com ardores que rangem na profundidade do meu peito, ao saber que partículas caem, uma vez que Tu vieste da altura dos céus à Hóstia consagrada, que ficou transubstanciada pela eficácia que puseste, através do Sacramento, na boca do teu unguido...

Que Tu caís, meu Jesus, desde o altar até o solo...?! Que te perdes sem que ninguém o aperceba, e talvez sejas pisado, ao ficar tão escondido e de todos esquecido...?!

Possa ser, Jesus da alma, que também eu tenha cruzado, através dos meus caminhos, neste ingente momento em que Tu tenhas caído, e meu pé, cheio de barro, sem sabê-lo, sobre Ti se tenha pousado...! E Tu assim me tenhas beijado, dizendo-me deste modo tão humilde e tão simples, mas de tanta excelência em teu excelso senhorio, os amores do teu peito: desse vulcão aceso!, que se abrasa em ardores por dizer-me de mil modos os teus beijares, as tuas ternuras, as tuas conquistas, os teus carinhos...

Que surpresa causou-me, ao saber, em tua sapiência, esta nova doação dos teus desígnios sagrados...! Manifestação potente! que, por *ser-te* Amor que podes e por *ser-te* Amor que amas, em teu amor conseguiste, sem sabê-lo quem te ama, ser pisado, e quem sabe se chegaste a ser, talvez, cuspidado...!

Eu sei, meu Jesus bendito, que o doar-te, em Ti, é olvido, se em Ti coubesse olvidar-te da excelência excelente do teu *Ser-te* infinito e possuído...! Pois a tua glória foi entregar-te, quando, em teu eterno desígnio, determinaste salvar-me, para levar-me às bodas dos teus festins divinos.

Nada me estranha de Ti! Pois o que mais aprendi de quanto em mim tens infundido, é saber que quanto sei, nada é, se o comparo com a plenitude plena do teu *Ser-te sido*, tendo em Ti o grande poder, em teu modo indefinido, de *ser-te* quanto *te és*, e fazer tudo quanto queres manifestando para fora os poderes escondidos desde os séculos eternos em teu vulcão aceso.

Hoje te beijo, como esposa enamorada, trememente e adorante, no passar dos séculos em todas estas partículas que no solo caíram-se; para dizer-te, em amores, as ternuras que da minha alma surgiram, ao descobrir o mistério que o meu espírito afligiu em amores, para amar-te com este novo matiz do meu coração ferido...

Eu te amava nas alturas, e no sacrário escondido depois que, no Sacramento, pelas mãos do teu ungido, doavas-te onde quer que seja em Alimento divino...

Amava-te no meu coração, quando havia-te recebido...; no peito dos homens...; na alma dos meus filhos...; e reparava amorosa e dolorida, do modo que eu podia, as grandes profanações que sempre se têm cometido pelos que não te descobrem, ao não te terem conhecido.

Mas nunca, Esposo amado, eu te acariciara dentro da barafunda dos homens que, ao passar, tendo Tu caído, pisavam-te, sem saber que realizavam tal desatino...!

São tão grandes os teus amores e tão pequenos os meus, que não chego a compreender a esplendidez deste dom, quem em meu ser rangeu!

Mas, se agora descobri esta nova doação, ficarão tantas maneiras, sem que nunca se descubram, enquanto moro no desterro, ao meu viver reprimido...!

Hoje também quero beijar-te, com meu peito enternecido, em tantos e tantos modos que me são desconhecidos, pela doação eterna do teu amor para comigo...

Obrigada, por quanto nos amas...!, e em tantos modos distintos que a tua excelência infinita determinou realizar, ao ser Amor que, podendo, manifestou seus amores, segundo a excelsa potência dos seus poderes divinos...!

Hoje te beijo, Esposo amado, junto ao sacrário escondido, com meu espírito adorante e meu peito enternecido, ao surpreender, tantos modos!, tão sublimes e divinos, do amor com que nos amas pelo teu eterno poderio...

Vinde, filhos da Igreja! Beijai Jesus comigo!; adoremos reverentes o Deus que no solo caiu; sendo uma só resposta, como Ele sempre pediu-me, para seu Dom que se oculta no sacrário, escondido...

Obra da Igreja, não tardes! Sou tua Mãe...
Hoje peço-o a ti!

9-5-1972

MEUS TEMPOS DE SACRÁRIO

São meus tempos de sacrário
as antecipações do Eterno,
minhas alegrias de Glória,
minhas apetências de céu...

São meus tempos de sacrário
onde, em penares de dó,
choro com meu Deus carregado de penas,
recolho seus desconsolos,
apercebo seus martírios
e me consumo em seus fogos...

São meus tempos de sacrário
onde meu espírito aberto
recebe a onipotência
dos Poderes imensos;
onde me sinto fecunda,
onde abarco o universo,
onde chego a todas as partes,
para cumprir a missão
do meu espírito sedento...
dando almas a Deus
por minha missão como Eco
na Santa Mãe Igreja,
submergida no seu mistério.

Nos meus tempos de sacrário,
penetrada pelo Imenso,
irradio por todo o mundo
as canções do meu Verbo.

São meus tempos de sacrário
saudades em tormento,
por não encontrar quem anseio
atrás da luz do seu mistério.

São meus tempos de sacrário,
em claridades de céu,
ou em escuridões tristes,
os que enchem as cavernas
torturantes do meu peito.

* * *

Busco Deus do modo estranho
que se nos dá no desterro:
em alegrias de glória
ou em solidões de inverno...

Mas não importa a quem ama
com saudades do Eterno,
esperar dia-a-dia,
quando sabe que um sacrário
é a porta dos céus!

Por isso busco em minha vida,
em minhas noites e em meus dós,
em minhas torturas de morte,
em meu martírio incruento,

em minha espera prolongada
e na noite do inverno,
quando me cobre a geada,
quando me ataca o inferno,
atrás das portas do sacrário
a abertura dos céus...!

Que me importa que não sinta
diante do meu sacrário aberto,
se o archote da fé,
como luzente luzeiro,
me diz que esse Pão
é a glória do Eterno...?!

Por isso, busca, meu filho,
com incansáveis desvelos,
com agonias de morte
e ainda com torturas de inferno,
longos tempos de sacrário,
ainda que somente apercebas,
em teu penar lastimeiro
dentro da obscuridade,
a tragédia do Deus morto...

Busca tempos de sacrário,
sem buscar mais que o Eterno,
sem esperar mais que Ele;
sabendo pela esperança
que, no fim, abrir-se-ão os céus...!

Não te canses, que o amor
não conhece o desalento!

Por isso, ora incansável
diante do teu sacrário aberto,
onde o Senhor ficou
num pequeno Sustento,
para que tu o buscassem
com esperanças em fogo...

Ora incansável, meu filho,
que meu coração, ferido
pelas vozes do Eterno,
hoje pede-o a ti amoroso
com meus clamores em zelo...!

Ora incansável, meu filho,
para que saboreies o Céu!
E ora incansável, meu filho,
dando a Jesus consolo.

«Frutos de oración»

1.495. O presente mais precioso para a alma enamorada, é a cruz de Cristo, onde Ele nos dá a sua glória. (6-4-67)

1.496. A cruz é o reino do amor para os que buscamos e amamos Cristo crucificado. (22-4-75)

1.497. Como dirá que ama, aquele que, diante da dor da pessoa amada, assusta-se e abandona-a na sua agonizante solidão? (16-8-77)

1.498. O amor necessita dar ao Senhor o máximo, e isto, enquanto estejamos na terra, demonstra-se permanecendo no Calvário com o divino Crucificado. (1-2-64)

1.500. O triunfo do amor é a cruz, pois só nela se demonstra à pessoa amada o amor. (16-8-77)

1.503. A maior alegria da alma enamorada, é a de poder sofrer algo por e com a pessoa amada. (6-4-67)

1.504. Dizes que amas e foges da dor? Perdoa, alma querida, te confundes. O amor pede crucificação, e o sofrimento aumenta o amor. (30-10-61)

1.506. O pão dos que amam está na cruz, onde o Amor infinito se nos deu em manifestação cruenta para levar-nos para Ele. (14-4-67)

1.507. Obrigada, Senhor, por fazer-me participar das tuas agonias, solidões, incompreensões e penas de morte. Obrigada, meu Jesus, obrigada! (22-4-75)

1.508. Quando chega-me a água até o pescoço e não encontro onde tomar pé, quando a tristeza me afoga, o temor me envolve e a dor me esmaga, dou um grito de alegria, abraço forte o meu Crucificado, e canto na cruz vazia de consolos, as infinitas e desconhecidas riquezas que meu Cristo derramou na minha Igreja ao doar-se a ela morrendo. (1-3-61)

1.510. A cruz é o presente do Amor às almas amantes; por isso, nela, encontra minha alma um profundo saboreamento de gozo espiritual. (27-5-71)

1.512. Que fácil se faz a cruz para a alma que sabe sofrer por amor, e que difícil a quem tem um amor tão pobre, que nem ainda desejar a cruz sabe! (27-11-63)

1.514. A cruz é o prêmio seguro que o Esposo hoje me brinda como amostra do seu amor para comigo. (10-9-63)

1.516. A cruz, qualquer que seja, foi tão sublimada por Cristo, que já, sempre que por Ele se leve com amor, é caminho de glória, encontro de Deus e amor de resposta. Assim, a cruz é dor, mas em amor para quem amamos. (1-5-76)

1.517. A alma que sofre com Cristo crucificado é sementeira de Igreja, portadora de almas para a eternidade. (7-3-67)

1.518. Alma minha, não chores. Deus é veraz! Alma minha, sofre, cala e sorri morrendo, se é preciso, pela Igreja... Goza em tua morte; e, quando não possas mais, não esqueças que Deus é o teu eterno descanso. Se ao ir para Ele, pede-te o que te proporciona a morte, não o refugas, que atrás disso está a ressurreição e a vida. (25-4-75)

28-4-1975

CORAÇÃO, SEGUE ADIANTE...

Busco Deus nas saudades da minha alma,
e a voz do seu infinito poderio
me responde no silêncio,
convidando-me a segui-lo com a minha cruz
pelo seu caminho.

É sincero o peito amante
que reclama urgentemente com gemidos
o Amor que, no seu interior,
pela roçadura do seu beijo, feriu-o;

é mistério de inéditas conquistas
em que vencer soube
o Amante que, em amor, sela a alma
com seu passo e sem ruído.

Expressões que se escapam
com lamentos contidos,
anelando nas suas saudades o encontro
de quem busca com a alma feita queixumes...

Coração, não te tortures, lança ao vôo
os desejos do teu peito reprimidos,
que Deus sabe os porquês de quanto encerras
atrás dos véus do silêncio em tuas noites
escondidos.

Ó mistério de surpresa inexplicável...!:
um sacrário, com seus modos tão simples,
encerrando o *Ser-se* no seu *ser-se* a Palavra,
e aparece como mudo e sem som...

Não te turbes coração, corre ao encontro,
que o Amor, em tua saudade, está escondido,
remontando-te em suas asas atrás do seu passo
e sabendo da tua entranha os gemidos!

Não te assustes, coração, segue a tua marcha!,
que, ainda que cale o Amador, não dormiu;
está alerta aos desejos do teu peito,
pois conhece o ranger das suas batidas.

Não te inquietes, coração, segue em teu anelo!
Não te pares, coração, remonta o vôo!

«*Frutos de oración*»

653. Que bom é apoiar a cabeça no peito de
Cristo e, descansando n'Ele, dar-lhe assim des-
canso! (1-2-64)

654. Descansa só no Amor e assim lhe darás
descanso. Busca-lhe descanso em tua alma e
almas que lhe façam descansar. (26-3-64)

655. O Senhor quer que o escutes para dizer-
te e dar-te o seu segredo de amor infinito e,
como consequência disso, abrir em ti sede de
almas. (1-2-64)

656. Senhor, os que te consolam no meio da
tua desolação são os que só buscam consolar-
te ainda à custa da sua crucificação. (28-11-59)

657. Que fiéis são as almas quando as conso-
las...! E essas mesmas, que infiéis quando, na
prova, pede-lhes consolo! (28-11-59)

658. Porque peço amor puro de imolação e
olvido de si, vi-me só, e «busquei quem me
consolasse e não o encontrei». (28-11-59)

659. Já sei, meu Jesus, que o lugar onde re-
pousa-se para dormir, é a própria casa; por isso,
dorme em mim, ainda que eu não experimen-
te em minha vida mais que o respirar do teu
sono, sabendo assim que sou para ti descanso
em teu duro caminhar. (20-3-62)

660. Senhor, estás cansado?, não tens onde dormir?, todos te pedem festas...? Vem, Amado, dorme, que eu, velando teu sono, não te despertarei, sendo em teu duro caminhar um leito onde repouses e encontres teu descanso. (20-3-62)

661. Quem ama sabe esperar que Jesus repouse dormido na sua alma; mas, quem não sabe de amor, no primeiro sono do Esposo, foge a buscar outros amores que não durmam. (20-3-62)

662. Dorme Jesus na tua alma? És esposa de confiança quando Ele pôs em ti o seu descanso. (20-3-62)

663. Senhor, dou-te isso, e o outro, e tudo o que me peças; mas, diz-me que te faço descansar! (26-3-64)

664. Jesus, se não sou consolo para tua alma dolorida, morro de amor doloroso. (11-11-59)

665. Que duro é ver Cristo tão só e desconhecido, tão amor e tão desamado...! Jesus, não queremos que estejas tão ferido pelo desamor, e por isso, com o Espírito Santo e com Nossa Senhora, te amamos. (21-1-75)

666. Meu Jesus, queremos amar-te com a ternura de Nossa Senhora de Belém, o amparo do Pai e o fogo do Espírito Santo. (22-12-74)

23-4-1977

A TUA PETIÇÃO NO MEU PEITO

Escutar-te... Receber-te... Entrar dentro do teu peito dolorido e saber que estás ferido em amor, de tanto amar-me; e que ocultas em tuas horas de silêncio, enclaustrado atrás das portas do sacrário, o mistério agonizante do teu coração traspassado, afogado pelos teus penares de lamentos contidos.

Num tempo penetrante de cautério demonstreste a meus amores, meu Dono, que estás só em solidões de segredos reprimidos, por não encontrar quem escute, assim, adorante, em teu peito, as tuas batidas.

Soube que nos buscas ofegante, e que queres confidentes que descansem tua alma sempre amante, repleta em amores acesos.

Quanto, em nada deste tempo, compreendi...! Um instante que olhei para o Sacrário inflamou-me com os lumes das tuas ciências, penetrando agudamente os meus sentidos; e soube que, se esperas depois de séculos em silêncios prolongados sem que saibam os teus

gemidos os humanos, não é teu gosto o ficar sem «sons» atrás das notas do silêncio e escondido.

É pela nossa captação, que não sabe compreender, no modo tão divino que Tu tens de explicar, «assim», às almas, quanto oprimes na profundidade do teu peito reprimido...

Hoje vi, num momento de romances amorosos, algo doce e doloroso que ao meu coração feriu: Está só o Dono amado do meu espírito afligido...!;

oprimido com urgências de saudades e em melancólico olvido daqueles que Ele tanto ama e que foram eleitos para serem seus confidentes e enviá-los a mostrá-lo pelos séculos...!;

esperando sem cansar-se, por se um dia, ao acordar-se, o escutassem, e soubessem os amores tão divinos que abrasam as suas entranhas pelo povo consagrado, pelos zelos contidos do Amor dos amores, que chama sem ser ouvido...!

Tu me disseste, Esposo amado, sem palavras e sem ruído, no modo tão secreto que Tu tens para entrar pelos sentidos da minha alma:

Que console teus penares...!, que te ame com os meus...!, que te escute em teus silêncios de saudades reprimidos...! Pois desejas

descobrir-me os arcanos da profundidade do teu peito perfurado, que, de tanto amor ferido, de penares sangrou...!

E que entre em teu segredo; que Tu queres, com as notas silenciadas de um teclado de mistério, descobrir-me quanto encerras em teu coração aberto, por se alguém quer entrar para saborear teus encerros...

Mas, se ficas em silêncio, Dono amado, meu Jesus, não é por falta de palavras nem desejos de dizer-te aos pobres, pequeninos e simples!; é porque andam distraídos sem saber captar o teu anelo, e «assim» fazer-te descansar repousando em horas longas, feitos uno ali em teu Seio!

Roubaste-me o coração, enaltecido, quando disseste-me, meu Esposo, sem palavras nem sons, na profundidade perfurante do meu coração ferido, que, adorante, te console, «assim», una com os meus, reclamando-me em teu peito;

e que escute teus lamentos e assimile tuas batidas, e o retinir do teu peito, e o chamejar do teu espírito abrasado pelos fogos do Eterno.

És Deus!, Jesus da alma, doce Esposo e meu Dono, que estouras, qual vulcão que em si é sido, em labaredas eternas por teu coração aberto em sapienciais gemidos...

Gemidos de amor eterno, que ficam desconhecidos por não encontrar quem escute de maneira queda as suas batidas...!

Quanto, em nada, penetrei...!

E digo: «em nada soube», porque o tempo não contava quando, num só segundo, teu mistério compreendi:

Que Tu me pedes consolo...? Que repare os olvidos daqueles que não te amam, e que aperceba o gemido da tua alma dilacerada, apoiada «assim» em teu peito, feita una com meus filhos...?

É que eu busco outra coisa, fora de Ti, meu Querido, que introduzir-me em tua profundidade, e ali viver os motivos do porquê que em Ti se oculta atrás dos séculos escondido...?

Se eu pudesse expressar o que hoje compreendi, ao ver teus olhos sagrados buscando na distância teus ungidos, aguardando confidentes que recolham teus queixumes...!

Eu te amo...! Tu me amas...!, em amores tão sabidos que mutuamente nos damos, sem eu entender como tem sido essa minha constante união já sempre, Jesus, contigo...!

Fizeste-me teu confidente, receptor por Ti escolhido, contenção dos teus mistérios, de modo

que, em minhas esperas, Tu te dás a mim a meu estilo, contando-me quanto encerras em petição de carinho...!

És, meu doce Amador, tão conquistador comigo!, que toda a minha vida é tua sem desejar mais que amar, dando-te em fruto meus filhos.

Quanto soube num instante junto a Ti, Jesus querido...!: Soube que meu Deus chorava pelo gemer do seu Ungido!

25-6-1982

AMO-TE, JESUS

Amo-te, Jesus, como nos meus anos primeiros; sem a brilhantez daquela juventude, mas com a entrega incondicional de uma vida carregada de mistérios e selada pela incompreensão e o menosprezo dos que não são Tu.

Amo-te, Jesus, porque és o centro do meu existir, o tudo da minha vida e a respiração, ainda que já ofegante, do meu coração.

Amo-te, Jesus, porque Tu és tudo o que apeteço e a minha única razão de ser. Sem Ti, sem meus tempos de sacrário apoiada em teu peito, sem a vibração da medula do meu espírito que me tem centrada só e sempre na busca incansável da tua glória, e sem a saudade do teu encontro definitivo, que seria de mim...?!

Apeteço-te porque te tenho, mas não do modo que te anelo. Eu necessito a tua vizinhança penetrante, o teu olhar de explicação amorosa, o teu sorriso silenciado que me mostra os caminhos tortuosos do meu caminhar sempre ao encontro do cumprimento da tua vontade.

Suspiro por Ti, Jesus da alma, porque só quando estou em Ti, encontro-me no meu centro. És a alegria do meu coração enamorado, a plenitude do amor do meu peito enaltecido, a apetência da minha vida subjugada pela contemplação do teu rosto penetrado de infinitos resplendores.

Amo-te, meu Jesus, porque és o Esposo da minha alma de virgem-mãe, saturada e traspasada de dor no país da incompreensão, do pecado pela ausência de Deus.

Busco-te em todas as partes e, se sempre te encontro, é porque ali onde te reclamo, Tu me estás esperando com tua cruz num Getsêmani que me fala de eternidade...

Tu sabes, Jesus do meu sacrário, como e quanto te necessito, e como e quanto te tenho, e como e quanto Tu me faltas, e como e quanto te chamo, e como e quanto te perco, e como e quanto te reclamo e te tenho nas noites da minha terrível desolação...!

Tu sabes, porque és a infinita Sapiência, o mais recôndito da medula do meu ser, e penetrando os porquês da minha vida quase aniquilada pela incompreensão dos meus silêncios, me brindas, desde teu Silêncio, a compreensão do teu amor no mistério transcendente da Eucaristia...

Amo-te, Jesus, num amor que é toda a minha vida em amores de entrega, em renúncias car-

regadas de penares, em saudades seladas pelo segredo, em urgências que reclamam a extensão do teu Reino pela conquista dos teus planos eternos cumpridos através dos séculos por meio de quantos te escolheste.

Meu existir, meu viver, meu calar, meu lutar, meu esperar e ainda meu morrer, é só amor ao Jesus do meu sacrário, ao Esposo do meu coração, ao Dono da minha juventude, da minha madureza e minha ancianidade.

Ele é o tudo da minha vida, e a minha vida é só e toda para Ele... Por isso, quando o perco, perco-me e clamo como a cerva dilacerada e resseca pelas águas refrigerantes do cristalino arroio...

Amo-te, Jesus, como Tu só sabes e como eu, de alguma maneira, também o sei. E porque te amo estou disposta com tua força a seguir-te sempre, e ainda a esperar-te, se por um impossível assim me pedisses, quanto durem os séculos, na luz ou na escuridão, em triunfo ou em aparente fracasso, em companhia dos que amo ou em solidão de todos eles.

Tu só és meu tudo, e em Ti e por Ti todas as coisas, para mim, têm a sua força, o seu sentido e a sua razão de ser. Buscar em Ti e em todos quantos me encomendaste, o fazer a tua vontade e dar-te glória, é a única exigência do meu coração enamorado e consagrado em en-

trega total e incondicional ao teu amor infinito desde a minha juventude, fazendo tudo o que Tu me pedes.

Necessito tua luz, porque resseco-me na espera do teu encontro...; mas, espero-te tranqüila até que Tu queiras, porque o amor que te tenho está por cima das minhas experiências com relação ao teu modo de atuar sobre mim.

Amo-te como me ames e como te queiras dar a mim, porque não busco a minha glória nem o meu gozo, mas o teu.

Compreendi, desde os meus primeiros anos de consagrar-me a Ti, que a minha vida só tinha um sentido: dar-te descanso, fazer-te sorrir; fazer ditosos os demais com a plenitude da tua vida, e terminar a carreira do meu peregrinar, esgotada por uma vida carregada de trabalhos, atrás da conquista de ser em tudo e sempre só glória para Ti.

Já sei, Jesus dos meus amores, de lutas e conquistas, de dias claros e de noites prolongadas, de Tabor em resplendores de Glória e de desoladores Getsêmanis. Já saboreei o que é gozar da tua Vida e morrer por ser Igreja em destruição constante pela conquista do teu Reino. E já sei, sobretudo, que meu modo de dar-te glória, que é o único que busco no meu existir, está em abraçar em tudo e sempre com a máxima alegria e força que possa, aquilo que

a tua vontade me vá marcando no meu modo de ser, de estar e de viver. Por isso, desde o mais profundo do meu ser, na medula do meu espírito, não busco mais que a tua glória como e onde me queiras ter, ainda que morra na saudade irresistível do teu encontro definitivo...

Só anseio e necessito para ser feliz, estar como Tu queiras e saber que estou como Tu queiras ter-me.

Amo-te, meu Jesus, e hoje sai da minha alma dizê-lo a Ti, porque necessito escutá-lo e que Tu me escutes. Ainda que Tu e eu já no-lo sabemos...!

Obrigada, Jesus, porque te amo desta maneira, que é o triunfo glorioso do amor na destruição de uma vida em resposta amorosa do meu dom ao teu amor...

15-1-1974

A MINHA PAZ

É a paz como brisa do mar
num dia tranqüilo,
no retinir das suas ondas serenas
que vêm e vão
sem deixar transparecer a sua tarefa,
porque estão sossegadas
em seu ser e em seu atuar,
segundo são.

É a paz algo profundo, secreto,
que se encerra na profundidade do peito
e se vive em mistério
de quedo silencio.
E, em sua brisa de ir e vir,
seus sabores impregnam de gozo,
em seu ser e em seu atuar,
como doce alimento.

É a paz um viver
de tão tênues acentos,
que, em sabores divinos e eternos,
sente-se Aquele que é, sem sabê-lo.

É a paz um porquê tão seguro,
que deixa, em seu centro, repleto,

quem vive continuamente
e está cimentado
no gosto sabido
que circunda o Imenso.

Quem vive de Deus,
buscando só contentá-lo,
sem querer outra coisa que isso,
ele encontra o segredo
que encerra a paz
em seu ser e em seu atuar,
que é Deus mesmo,
vivendo em seu centro.
Pois a paz é saber-se saber
o que tem que ser
e tê-lo tido,
e, ainda mais, possuído muito dentro.

É a paz como o mar
com suas ondas tranqüilas
nos dias serenos,
que, ainda que vêm e vão,
nada perturba o sossego
da doce missão
que lhe puseram.

É como brisa calada
a paz no meu peito,
em rumores de Glória
e em silêncio de céu,
em doçuras sublimes,

como um beijo infinito
de Deus em meu centro.

É Deus mesmo a Paz
misteriosa, divina e secreta,
que impregna meu ser com seu alento;
é Deus mesmo que beija minha alma
com a brisa calada
do vulcão que o tem encerrado
na sua ocultação.

É Deus mesmo,
que, sendo doçura infinita,
me embala com o suave fulgor do seu vôo.

É Deus mesmo
a doçura de paz infinita
que sinto!

NOTA:

Peço veementemente que tudo o que é expresso através dos meus escritos, por crê-lo vontade de Deus e por fidelidade a quanto o mesmo Deus me confiou, quando na tradução para outras línguas não se entenda bem ou se deseje esclarecimento, recorra-se à autenticidade de quanto ditado por mim no texto espanhol; já que pude comprovar que algumas expressões nas traduções não são as mais aptas para exprimir o meu pensamento.

A autora:

Trinidad de la Santa Madre Iglesia